terminada faixa etária como para a imposição de regras e escolha de parceiros para a realização de atividades por parte do adulto responsável. Já segundo aspecto, como mencionado, afeta a dinâmica entre os pequenos e pode inviabilizar a ampliação de repertório linguístico, cognitivo e comportamental ao terem contato restrito com outras linguagens e interpretações possíveis.

Para tanto, cabe ao educador, pensando no contexto educacional, proporcionar ao educando um ambiente propício para a realização de tarefas, assim como momentos de lazer com as demais crianças atendidas; estruturar um cronograma de atividades que atenda às exigências da unidade escolar respeitando a singularidade de cada um; entender que suas interpretações não podem aparecer de forma rígida nas brincadeiras, levando em conta a opinião e interferência das crianças proporcionando um ambiente acolhedor.

5. REFERÊNCIAS

AVELLAR,L; Jogando na análise de crianças: intervir-interpretar na abordagem Winnicotiana. São Paulo. Editora Casa do Psicólogo, 2011. CASARIN, T.; Professor, como você desenvolve o pensamento crítico dos alunos? Blog. Categoria Escola. Publicado por Nova. 2020. Disponível em: <https://www.toniacasarin.com.br/blog/professor--como-voce-desenvolve-o- pensamento-critico-dos--alunos/>. Acesso em: 30/12/2020.

CORDAZZO, S. T. D.; A brincadeira e suas implicações nos processos de aprendizagem e de desenvolvimento. Estudos e Pesquisas em Psicologia, UERJ - RJ, ano 7, n. 1, 1º semestre de 2007 (89 - 101). Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/epp/v7n1/v7n1a09.pdf>. Acesso em: 01/02/2021. DOHME, V.; Vivendo com as fadas. Ilustrações de Paulo Ziberman; colaboração de Valdir Cimino. São Paulo: Edições Viva e Deixe Viver, 2019.

DUPRAT, M; Ludicidade na Educação Infantil. São Paulo. Editora Pearson, 2015.

MACEDO, L. e col. ; Os jogos e o lúdico na aprendizagem escolar. São Paulo. Editora Artmed, 2005.

MICOTTI, M; Alfabetização - Propostas e Práticas Pedagógicas. Editora Contexto, 2012.

NEUROSABER. Brincadeiras que potencializam o desenvolvimento infantil. Instituto NeuroSaber. 2020. Disponível em: <https://institutoneurosaber.com.br/brincadeiras--que-potencializam-o- desenvolvimento-infantil/>. Acesso em: 27/01/2021.

PALANGANA, I; Desenvolvimento e Aprendizagem em Piaget e Vigotsky. Editora Summus, 2015.

QUEIROZ, N. L. N.; Brincadeira e Desenvolvimento Infantil: um olhar sociocultural construtivista. Paideia, 2006, 16(34), 169-179. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/paideia/v16n34/v16n34a05.pdf>. Acesso em: 01/02/2021.

SILVA, T; Jogos e brincadeiras: Ações lúdicas nas escolas, ruas, hotéis, festas, parques e em família. Rio de Janeiro. Editora Vozes, 2017.

PRÁTICAS EDUCATIVAS

VANDERLÉIA ALVES MADEIRA

RESUMO

Conquistar a atenção dos alunos e aumentar o rendimento em sala de aula é o objetivo de todo professor, portanto uma educação flexível, consciente e inovadora pode ser a chave para melhorar o processo de aprendizagem. O estudante do século XXI passou a ser o personagem principal na busca e construção do conhecimento, enquanto o professor assumiu o papel de mediador do ensino , e é por essa nova perspectiva que o exercício da educação deve ser orientado. Considerando que cada aluno é único e que existem muitas maneiras de ensinar com qualidade, é preciso variedade nas práticas pedagógicas para atingir o maior número possível de jovens ,por exemplo, não é viável empregar a mesma estratégia no ensino fundamental e no ensino infantil, pois são contextos diferentes.

PALAVRAS-CHAVE: Práticas Educativas; Aprendizagem; Flexibilidade; Método.

1. INTRODUÇÃO

Se a Didática estuda o processo de ensino com suas finalidades educacionais e que estes são sempre sociais, a prática educativa deverá considerar o conhecimento acumulado pela sociedade, como processo formativo que ocorre como necessária à atividade humana. Nesse sentido, a prática educativa é fenômeno social e universal necessária à existência de todas as sociedades.

A educação então pode ser considerada como prática educativa e no sentido amplo “compreende os processos formativos que ocorrem no meio social, nos quais estão envolvidos de modo necessário e inevitável pelo simples fato de existirem socialmente” (LIBÂNEO,1994, p. 17).

Educação não-intencional: refere-se às influências do contexto social e do meio ambiente sobre os indivíduos;

Educação intencional – (não formal e formal): refere-se a influências em que há intenções e objetivos

conscientemente, como é o caso da educação escolar e extra-escolar.
Essas formas que assume a prática educativa, intencionais ou não, formais ou não, escolares ou extras, se interpenetram. O processo educativo, onde quer que se dê, é sempre contextualizado social e politicamente; há uma subordinação à sociedade que lhe faz exigências, determina objetivos e lhe provê condições e meios de ação.
A prática educativa e especialmente os objetivos e conteúdo do ensino e o trabalho docente, estão determinados por fins e exigências sociais, políticas e ideológicas. Isto quer dizer que a organização da sociedade, a existência de classes sociais, o papel da educação estão implicados nas formas que as relações sociais vão assumindo pela ação prática concreta dos homens/ mulheres. Por isso o veículo entre sociedade e educação.
Cabe então entender a importância da concepção de homem/ mulher, mundo e sociedade.
As relações sociais (capitalistas e trabalhadores) no capitalismo são antagônicas e opostas: os interesses são diferentes.
Tais diferenças provocam, determinam não apenas as condições maternas de vida e de trabalho dos indivíduos, mas também a diferenciação no acesso a cultura espiritual. À educação.

2 - EIXOS INDISPENSÁVEIS À PRATICA EDUCATIVA

Para tornar efetivo o processo educativo, é preciso uma orientação sobre as finalidades e meios de sua realização, conforme opções que se façam quanto ao tipo de homem que se deseja formar e ao tipo de sociedade a que se aspira. Esta tarefa pertence à pedagogia como teoria e prática do processo educativo. Portanto citaremos alguns eixos indispensáveis à prática educativa.
Educação digitalizada - Esse é um exemplo de proposta pedagógica que vai ao encontro dos interesses do aluno contemporâneo e das necessidades do século XXI, possibilitando, assim, uma educação voltada para o futuro.
Uma das práticas pedagógicas mais interessantes para os alunos é o professor fazer uso dos recursos que a Era Digital tem a oferecer, que é uma maneira de estimular e engajar o estudante durante a aula. Nesse sentido, o contato com a tecnologia e com a Internet pode ir além da sala de informática e começar a fazer parte da rotina escolar por meio de atividades lúdicas e criativas, como os jogos educativos, que podem ser grandes aliados da aprendizagem.
Empoderamento do aluno- A ideia de empoderar o aluno significa promover metodologias que o façam assumir o papel de construtor e condutor do próprio processo de aprendizagem e desenvolvimento. Isto é, ele deve ser considerado o protagonista da própria formação, logo, suas opiniões e impressões têm peso significativo para as ações da escola e para a condução de uma aula.
É importante fazer algumas mudanças na relação entre educador e educando, conferindo ao aluno uma posição mais ativa perante o sistema de ensino. Para que o empoderamento de fato ocorra, é preciso incentivo à flexibilidade e também a colaboração entre aluno e professor, demonstrando a todos que as práticas pedagógicas não precisam ser aplicadas somente pelo professor, mas sim por toda a comunidade escolar.
A sua instituição de ensino pode, por exemplo, envolver o estudante na coautoria do projeto pedagógico anual ou semestral da escola, inseri-lo em reuniões em que se discutem melhorias ou convidá-lo para participar de práticas pedagógicas e sociais além do ambiente estudantil.
Socialização - O constante avanço da tecnologia, que favoreceu o surgimento da Internet e das novas mídias, promoveu uma mudança social que se reflete diretamente na nossa forma de socializar. Estamos sempre conectados uns com os outros e em constante comunicação, independentemente das distâncias geográficas.
A comunicação acontece por meio de fotos, frases, vídeos, figuras, diálogos e de outras muitas maneiras. Essa é a realidade do aluno do século XXI e muitos deles simplesmente não sabem como foi o mundo antes da tecnologia e da socialização. Por essa razão, é muito difícil entenderem e aceitarem a ausência disso no ambiente escolar.
A sugestão aqui é que a instituição de ensino ofereça e valorize atividades que promovam interação, criação e colaboração entre os discentes. Afinal, a socialização é o agente construtor da nossa realidade e o posicionamento da escola quanto a esse assunto é fator determinante para o desenvolvimento cognitivo e social do aluno.
Conscientização -Entre as práticas pedagógicas que mais colaboram para a qualidade na educação, está o aproveitamento de datas especiais para trabalhar a conscientização de alguns temas com os estudantes. Aliás, é bastante comum encontrar escolas que desenvolvem atividades específicas no dia da água, da árvore, da Consciência Negra e outros.
O bullying, por exemplo, é um assunto bastante polêmico e que vem atraindo cada vez mais a atenção das instituições de ensino, dos professores e dos alunos. A data 20 de outubro é o Dia Mundial do Combate ao Bullying e ela pode ser uma chance para que a escola aborde o tema e desenvolva medidas de conscientização e prevenção.
Todavia, para captar o interesse dos jovens, é ne-

cessário buscar por inovações que os estimulem a participar e compreender melhor as temáticas dessas mobilizações, uma vez que podem ser mais complexas e delicadas.
Interdisciplinaridade - Basicamente, usa-se a interdisciplinaridade na educação como uma maneira de desenvolver um processo de integração e complementação dos conteúdos de uma disciplina com outras áreas do conhecimento, mesmo que aparentemente distintas.
Essa proposta pedagógica possibilita ao aluno um aprendizado mais eficiente, pois facilita a compreensão, na prática, de um mesmo conteúdo sob perspectivas e contextos diferentes, o que torna essa uma das práticas pedagógicas mais eficientes para atuar diretamente na aprendizagem.
Para isso, as práticas pedagógicas na sua escola podem promover projetos interdisciplinares, isto é, abordar o mesmo tema durante aulas de diferentes disciplinas. Dessa forma, colabora-se para um maior entendimento da temática escolhida, favorecendo, assim, um posicionamento mais crítico e reflexivo no estudante.
Aprendizagem compartilhada, envolve a estimulação dos processos de ensino em pares, nos quais os alunos têm a oportunidade de ensinar algo aos colegas. Esse tipo de prática pedagógica favorece a construção de um ambiente mais acolhedor e colaborativo, onde ocorre troca de experiências, conhecimentos e interação.
Essa abordagem se diferencia do modelo tradicional de aula, em que o professor é a única figura ativa no processo , e vai ao encontro de uma experiência mais dinâmica, prática e empoderadora ao aluno.
Atividades em grupo - Trabalhar em grupo desenvolve capacidades essenciais para o convívio social, como a empatia e o respeito ao próximo. Além disso, o aluno aprende a escutar e lidar bem com opiniões contrárias as suas e a sair da zona de conforto.
É o caso de práticas pedagógicas que propõem a resolução de situações- problema, em que os professores mediam as discussões e estimulam os estudantes, organizados em grupos, a elaborarem estratégias na busca por soluções. Integrações culturais - É importante que os alunos e toda a comunidade escolar, conheçam e respeitem as diferenças culturais existentes dentro e fora da escola.Por isso, promover atividades que tragam esse tipo de reflexão à tona. Podem ser utilizadas alternativas como, pesquisas, entrevistas, apresentações artísticas, dentre outros.
Oportunidades aos alunos com dificuldade de aprendizagem - Acompanhar os alunos com maior dificuldade e pensar em atividades específicas para facilitar sua aprendizagem. Vale destacar que o acompanhamento precisa ser constante e feito de forma estratégica.
A falta de tempo do professor é, muitas vezes, um empecilho para que isso aconteça. Por isso, a tecnologia deve ser utilizada a seu favor. Um software de gestão escolar e um diário eletrônico são ótimas alternativas para aliviar a carga de trabalho administrativa dos docentes e liberar o tempo para fazerem o que mais importa, que é ensinar.
Incentivo à leitura - Uma das práticas comuns entre as redes públicas de destaque nacional é o incentivo à leitura. É importante tornar esse exercício um hábito para os alunos através de diferentes tipos de textos como, histórias em quadrinho, notícias, cartas, dentre outros.
Mão na massa - Seja criança, adolescente ou adulto, todos aprendemos
muito mais fazendo, do que, apenas, escutando. Proponha experimentos e se houver erros está tudo bem. O importante é que os alunos consigam assimilar o conteúdo da forma mais concreta e palpável possível.
Ao contrário do que parece, esse tipo de aula não é difícil de ser colocada em prática. É só olhar ao redor da sala de aula, existe biologia das plantas, química no refeitório, história e geografia nas ruas. Práticas pedagógicas são capazes de aumentar o interesse dos alunos, melhorar o rendimento da instituição de ensino e, ainda, combater a evasão escolar.
Isso tudo porque são métodos de ensino que fazem o estudante querer participar, interagir, aprender e ensinar também. Porém, toda essa inovação demanda mudanças, iniciativa e adaptação. Afinal, desenvolver novas práticas pedagógicas que atendam aos diferentes perfis, ritmos e particularidades de cada aluno requerem tempo, formação e disposição.

3. A IMPORTÂNCIA DA FORMAÇÃO CONTINUADA DOS PROFESSORES

Além de tempo e criatividade, os professores precisam, também, de formação continuada para resinificar suas práticas pedagógicas. Porém, sabemos que nem sempre esse tipo de investimento acontece.
Cabe, ao profissional, ficarem atentos às oportunidades de cursos, workshops e demais conteúdos ricos disponíveis, na maioria das vezes, na internet. Existem muitos materiais on-line de qualidade e os melhor, gratuitos.
Vale lembrar que outras questões como, infraestrutura, espaço e valorização dos profissionais da Educação, também são fundamentais para que novas práticas pedagógicas saiam do papel e, em conse-

quência, contribuam com a melhora no aprendizado dos alunos.
O caráter educativo do ensino está relacionado com os objetivos do ensino crítico, este se realiza quando as tarefas de ensino e aprendizagem, na sua especificidade, são encaminhadas no sentido de forma convicções princípios orientadoras da atividade prática humana frente a problemas e desafios da realidade social. Isto porque implica objetivos sócio-políticos e pedagógicos.
Isso significa que ao professor crítico não basta que denuncie as injustiças sociais, que esteja engajado num sindicato ou partido ou que explicite o caráter ideológico dos conteúdos escolares, É preciso, antes de tudo, que dê conta de traduzir objetivos sócio-políticos e pedagógicos em forma concretas de trabalho docente que levem domínio sólido e duradouro dos conhecimentos pelos alunos, que promovam a ampliação de suas capacidades mentais a fim de que desenvolvam o pensamento independente, e a coragem de duvidar e, com isso, ganhem convicções pessoais e meios de ação prática no processo de participação democrática na sociedade.

3.1 CONSTRUÇÃO DA AUTONOMIA

A prática educativa como dimensão social da formação humana, atentando aos saberes necessários a mesma, leva ao reconhecimento de que o homem é um ser condicionado e não determinado. A reflexão torna o professor crítico, especificidade inerente a sua profissão, e a observação do que o ensinar exige segundo Paulo Freire (2011):
Ensinar exige: rigorosidade metódica, pesquisa, respeito aos saberes dos educandos, criticidade, estética e ética, corporificação das palavras pelo exemplo, risco, aceitação do novo e rejeição a qualquer forma de discriminação, reflexão crítica sobre a prática, reconhecimento e assunção da identidade cultural. [...] Ensinar não é transferir conhecimento, ensinar exige: consciência do inacabamento, reconhecimento de ser condicionado, respeito à autonomia do ser do educando, bom senso, humildade, tolerância e luta em defesa dos direitos dos educadores, apreensão da realidade, alegria e esperança, convicção de que a mudança é possível, curiosidade. (FREIRE, 2011, p.15)
A citação transparece o pensamento de Freire frente às possibilidades do professor conduzir o educando a construir a sua autonomia, com bases sólidas reais, conhecidas, verificadas e experimentadas pelo educador. A curiosidade epistemológica incorporada pelo autor remete a especificidade humana de ensinar
que salienta em sua teoria, a qual posta em prática exige do educador segurança, competência profissional e generosidade.
Alerta que o comprometimento com a prática pode intervir no mundo, de forma positiva, intensificando e desmistificando a liberdade e a autoridade, onde o educando exerce a cidadania, tomando suas decisões de forma consciente, apropriado de sua liberdade e integridade moral, construída de forma gradativa e autônoma, pois quando o educador escuta, ele corporifica uma educação ideológica, e mais uma vez leva o educando a aprender socialmente e viver a autenticidade que só a autonomia pode proporcionar.
Pleitear o belo, exercer a cidadania, lutar pela dignidade, tanto por melhores condições de trabalho, quanto por melhoria de salários, são exemplos de corporificação do ato político e social por parte do educador.
A autonomia do educando é algo que deve ser construída por todos que se envolvem de alguma forma com o processo, não se resume ao professor, nem mesmo somente dentro da sala de aula, ela é resultado da interação social.

3.2 CONSTRUÇÃO E AQUISIÇÃO DA LEITURA E ESCRITA

Quando a criança é vista como um todo, ser social fica claro que durante o processo é preciso respeitar as perspectivas na sua multiplicidade, bem como a pluralidade de áreas que envolvem todo o processo e encontrar uma forma de articular de forma estruturada, sem fragmentar, tudo isto respeitando os condicionantes, sendo assim o contexto do educando.
Segundo Magda Soares (2012), a postura política em relação ao significado da alfabetização afeta, o processo de aprender a ler e a escrever, a qual fica explícita quando se compara o trabalho desenvolvido em torno da alfabetização, seguindo a linha de Paulo Freire, ”para quem a alfabetização é um processo de conscientização e uma forma de ação política”.
A sociedade constantemente em evolução, bem como em transformação no seu amplo significado exige da educação um homem, um cidadão, um ser socialmente desenvolvido e capacitado para viver no sistema letrado, onde não domine apenas as tecnologias, mas que saibam fazer uso delas.
O educador precisa urgentemente e necessariamente compreender, as facetas da alfabetização: conceitos- natureza do processo- condicionantes, observar e respeitar o processo como algo que não pode ser interrompido, que é levado para fora da sala de aula, que comprovado pelo aluno em sociedade, exerce a sua cidadania.
A busca de um método, não é mais uma afirmação e

sim uma pergunta, como diz Magda Soares, houve mudanças nos paradigmas sociais e educacionais, assim pode-se dizer do educando com dificuldades de aprendizagem que as facetas da alfabetização devem ser constantemente observadas, estímulos para a construção de hipóteses de escrita.

"[...] propostas voltadas para o objetivo de conjugar as ideias das crianças com os requisitos do ensino entendido como o imperativo do professor para fazer as crianças avançarem" (TEBEROSKY, apud SOARES, 1989, p.13).

Métodos são eficazes, os quais nosso país busca veementemente, quando a ele é impingido, concomitantemente objetivos, capazes de definir conceitos, habilidades inerentes à pessoa alfabetizada que constrói a sua cidadania em uma perspectiva tanto psicológica, linguística e principalmente político e social. A alfabetização e o letramento é um meio de democratização sobre vários aspectos, possibilita ao homem desde criança a fase adulta, a reflexão sobre seu papel no mundo, suas responsabilidades que dispõe direitos, tudo isso aliado ao respeito, sobretudo ao desenvolvimento cognitivo e epistemológico genético segundo pensamento de Piaget, é ético respeitar as fases cognitivas de cada educando, exercício da cidadania desde o início do processo de alfabetização.

A capacidade de ler o mundo, as entrelinhas, as suposições são resultados do letramento, métodos respeitosos do saber do educando, é dito métodos e não um método, pois é sabido que os condicionantes levam aos educadores a adaptarem métodos em prol do respeito à autonomia durante o processo de aquisição da leitura e escrita, que estes não se aplicam ao pé da letra, ou da mesma forma que é aplicado em outras comunidades, à questão cultural transfere valores ao cidadão que não podem em hipótese alguma deixar de lado ou simplesmente banalizado, descartado.

O educando, repetindo, por ser considerado importante, é um ser social na sua totalidade, carrega com ele a cultura e concepções tanto políticas, religiosas, quanto da língua escrita e falada. Ele precisa compreender o seu papel na sociedade e a relação que a leitura e a escrita têm com as decisões políticos sociais.

Ferraz (2013) sobre as concepções de Montessori, afirma "Ela acreditava que a educação é uma conquista da criança, pois percebeu que já nascemos com a capacidade de ensinar a nós mesmos, se nos forem dadas as condições", diante disso o educador tem um papel ainda mais relevante do que aparentemente levar o educando a alfabetizar-se, mas priorizar condições para que ocorra o letramento permeado pela alfabetização na sua forma de conquista social e como afirma Soares (2012) "Alfabetização, como forma de pensamento, processo de construção do saber e meio de conquista de poder político".

3.3 PRÁTICAS INOVADORAS NA EDUCAÇÃO

A inovação é um aspeto citado em qualquer discussão a respeito da promoção da educação com o uso das tecnologias. Há ainda autores que considerem como sendo inovadoras, todas as práticas pedagógicas que utilizam das TIC em seu processo. Contudo, é de salientar que de modo geral acreditamos que a inovação em Educação pode ter em conta a utilização das TIC ou não, ou seja, podemos considerar uma prática pedagógica como sendo inovadora, mas que não esteja ancorada às TIC.

De forma mais ampla, e no contexto desse trabalho de investigação, podemos considerar a definição de inovação em Educação como o processo de criar ou aperfeiçoar uma prática pedagógica que tenha alguma característica diferenciada das práticas pedagógicas tradicionais e que reflita numa mudança de paradigmas em relação ao papel do professor como transmissor de conhecimentos e do aluno como mero receptor do conhecimento.

O papel do professor é fundamental, "as mudanças dependem em larga medida das atitudes que os professores têm, em geral, perante o processo de ensino e aprendizagem e do seu posicionamento perante a própria mudança." (Costa 2008, p. 239).

A atuação do professor é fundamental para que os processos inovativos aconteçam. A sua maneira de se relacionar com o meio é um fator crucial da forma como se relaciona com o aluno e o conduz para a aprendizagem.

Para que aconteçam as práticas pedagógicas inovadoras é necessário que haja também uma mudança nos processos de ensino habituais, e nesse sentido, o papel do professor é muito importante, "as mudanças na educação dependem, em primeiro lugar, de termos educadores maduros intelectual e emocionalmente, pessoas curiosas, entusiasmadas, abertas, que saibam motivar e dialogar." (Moran, 2007, p. 28).

Desta forma, consideramos práticas pedagógicas inovadoras aquelas que são desenvolvidas em contexto educativo por professores que buscam formas diferenciadas de melhorar e aperfeiçoar continuamente suas metodologias de ensino e que pressupõe como referência em suas práticas uma aprendizagem centrada no aluno.

E para que as práticas inovadoras aconteçam, a competência e a confiança dos professores são "fatores decisivos na implementação da inovação nas práticas educativas" (Peralta e Costa, 2007, p. 78).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A construção das hipóteses de escrita e leitura abrange uma gama de processos cognitivos, que comumente a aos agentes condicionantes chega a ermo, ou seja, a alfabetização letrada é indiscutível e inevitável que o educador se indague quanto à natureza do processo de como a criança realmente se apropria da língua escrita, mas também atentar ao processo de desenvolvimento da língua acreditamos que este último tem muito a dizer, mensura ato de forma científica com um toque de empirismo, de que adiantaria reconhecer os níveis de alfabetização, se não for devidamente compreendida no seu princípio, o como chegara a tal, como e porque chegou a tais hipóteses, quais foram os condicionantes, por que crianças se encontram no mesmo estágio cognitivo, epistemologicamente apto, não constroem as mesmas hipóteses estando em igual situação.

As políticas educacionais precisam estar atentas a estas discrepâncias sem excluir, mas proporcionando aberturas para que a escola tenha a mesma autonomia pela qual tem lutado em proporcionar ao seu educando, para expor sua diversidade, que não se restringe a dita cultural, que se enquadra na Base Nacional Comum Curricular, não estamos falando de inclusão no sentido apregoado nos dias de hoje, mas da inclusão alicerçada no direito do saber, no direito que o professor tem em exprimir suas angústias, buscar respostas e não apenas considerar as concepções de Paulo Freire acerca da ética, da boniteza, não apenas sintetizada, mas no seu mais amplo significado.

Espera-se que este estudo acerca da autonomia em relação à alfabetização e o letramento, abra uma nova gama de experiências e indagações tendo como objeto de estudo centralizado no processo de alfabetização e letramento integrado ao ser social que o educando é de fato.

O educando quando indagado, desafiado, dá respostas de acordo com sua prontidão, os recursos utilizados pelo educador, embasado em métodos apropriados à situação podem ou não ampliar os conceitos, as concepções que a criança tem acerca daquele objeto de estudo, neste caso, a leitura e a escrita, é fundamental investigar desde o primeiro momento, neste ponto de vista. O respeito pelo educando torna-se o primeiro requisito para se planejar e conectar métodos ao procedimento pedagógico, os quais devem elucidar a prática por parte do educando, pois é através dela que se chega ao conhecimento concreto do abstrato.

A mente humana possui conhecimentos intangíveis, mas que precisam de estímulos para consolidar o processo de leitura e escrita é inconcebível a prática sem respeito à autonomia, sem o respeito gnóstico a sua individualidade. A criança como ser político e social absorve, transforma informações colhidas de experiências proativas do meio, o qual é chamado de condicionante e não determinante. Pensar a alfabetização letrada é pensar o educando.

REFERÊNCIAS

BRASIL/MEC. Parâmetros Curriculares Nacionais. Brasília, 1997.

BRASIL. Referencial Nacional para a Educação Infantil. Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998, vol. 1- 3.

Costa, F., Peralta, H., & Viseu, S. (Eds.). As TIC na Educação em Portugal. Concepções e Práticas. Porto: Porto Editora.2008.

ELANE, Conceição; ROCHA, Maria de Lourdes da; OLIVEIRA, Janieri de Sousa.

AS FASES DO DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM ESCRITA. 5 f. Disponível em:<http://www.filologia.org.br/soletras/15sup/As%20fases%20do%20desenvolvim ento%20da%20linguagem%20escrita%20-%20JANIERI.pdf >. Acesso em : 18 out. de 2020.

FERRARI, Márcio. Maria Montessori , a médica que valorizou o aluno. Disponível em:<http://revistanovaescola.abril.com.br/história/pratica-pedagogica/medica- valorizou-aluno-323141.shtml>. Acesso em: 19 out. de 2020.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia. 43. Ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011. GEEMPA. Métodos existentes de alfabetização. Disponível em: <https://sites.google.com/site/metodosdealfabetizacao/metodos-existentes-de- alfabetizacao>. Acesso em: 18 out. de 2020.

GROSSI, Esther Pillar. Didática da Alfabetização. 10. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990. 1 v.

. Didática da Alfabetização. 11. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990. 2 v. MORAN, J. M. A educação que desejamos. São Paulo: Papirus, 2007.

SOARES, Magda. Alfabetização e letramento. 6. Ed. São Paulo: Contexto, 2012.